

GOVERNANÇA GLOBAL DE COMBATE A PANDEMIAS – O SETOR DA QUÍMICA FINA COMO PILAR ESTRATÉGICO

ANDREY VILAS BOAS DE FREITAS E MARINA MOREIRA



Divulgação

O combate eficaz a pandemias exige um esforço multifacetado que vai além da simples mobilização de recursos financeiros e humanos. A verdadeira eficácia de uma resposta global reside em sua capacidade de integrar ações em várias frentes simultaneamente, o que inclui a preparação prévia, a coordenação internacional e a colaboração entre setores-chave da economia global. Um dos pilares fundamentais dessa colaboração é o setor de química fina, que se destaca por sua capacidade de produzir insumos farmacêuticos ativos (IFAs), reagentes laboratoriais e outros componentes críticos, essenciais não apenas para o desenvolvimento de tratamentos eficazes, mas também para o monitoramento e diagnóstico de doenças infecciosas.

A emergência sanitária mais recente demonstrou que há dependência excessiva e escancarou a importância da química fina não apenas como um fornecedor de insumos, mas como um elo crucial na cadeia de resposta.

No entanto, essas respostas continuam marcadas por interesses nacionais fragmentados e insuficientes. O desafio atual é transformar a reação pontual em uma estratégia global de governança robusta, que articule produção, distribuição e regulação de insumos críticos de forma coordenada e equitativa.

Mas já temos observado diversas organizações internacionais, como o Banco Mundial e a Organização Mundial da Saúde (OMS) desempenhando papel central na estruturação de um sistema como relatado. Essas instituições têm trabalhado na criação de protocolos que não apenas coordenem as ações de resposta, mas também definam estratégias claras de financiamento, logística e troca de informações, elementos essenciais para enfrentar crises de saúde pública de grande escala.

Um exemplo já estruturado e criado pela OMS é a Estratégia Global do Cluster de Saúde (GHC), que tem representado um marco essencial na organização de respostas globais a crises sanitárias. O GHC tem sido uma ferramenta

crucial para integrar e unir os esforços de diferentes países, organizações internacionais, ONGs e outros stakeholders, promovendo uma abordagem colaborativa.

No ano passado, um dos principais exercícios práticos realizados dentro dessa estratégia envolveu a simulação de uma pandemia com a participação de mais de 20 países. O objetivo do exercício foi testar a capacidade de resposta coletiva, avaliar a efetividade das estratégias de comunicação e, principalmente, testar a logística de distribuição de recursos essenciais, como medicamentos, vacinas e equipamentos médicos. A simulação permitiu identificar pontos fortes e áreas que necessitam de aprimoramento nas respostas globais, além de proporcionar insights valiosos sobre como os diferentes setores podem se integrar de maneira mais eficiente.

A participação de mais de 20 países, desenvolvidos e em desenvolvimento, nas simulações do GHC destaca o papel essencial da cooperação internacional na resposta a crises sanitárias. Ao integrar setores como saúde pública, logística e ciência, o GHC fortalece a resiliência dos sistemas de saúde e promove uma comunicação mais ágil entre países. Essa articulação viabiliza a criação de mecanismos de apoio mútuo para a distribuição justa de

recursos críticos, como vacinas e medicamentos – um fator decisivo durante pandemias. Mais do que um conjunto de protocolos, a Estratégia Global do Cluster de Saúde representa uma rede viva de colaboração e aprendizado contínuo.

Já em um novo cenário de discussão internacional recente, observa-se com expectativa a assinatura de um acordo internacional ainda este mês com o objetivo de fortalecer a preparação e a resposta global a futuras pandemias. Atualmente em sua fase final de negociação entre os Estados-Membros da Organização Mundial da Saúde (OMS), o novo acordo global em saúde prevê compromissos fundamentais para fortalecer a resposta internacional a pandemias, como a alocação eficiente de recursos e a distribuição equitativa de vacinas e medicamentos. A transferência de tecnologia e o compartilhamento de know-how entre países ricos e em desenvolvimento serão centrais para garantir produção local e acesso igualitário a tratamentos essenciais. Também estão previstas diretrizes para evitar o nacionalismo vacinal, promovendo justiça social no acesso às soluções. Além disso, o pacto busca aprimorar a governança global com mais coordenação entre países e organizações internacionais, criando redes de

NOVA ANSIMAG KF438F

Desempenho elevado, manutenção simplificada.



A renomada bomba ANSIMAG KF438 acaba de ser atualizada:

conheça a nova KF438F, com acoplamento magnético reforçado, motorização até 100 hp e peças intercambiáveis com a série KF — reduzindo estoques e facilitando a manutenção.



Com revestimento em ETFE, lida com químicos agressivos a até 121°C com segurança, alta eficiência e apenas 9 partes internas em contato com o fluido.

Mais desempenho, menos complicação.



+55 11 97057-1465

vendas@alef.com.br

alef-equipamentos-industriais-ltda

resposta rápida e protocolos claros. Mais que um tratado técnico, o acordo simboliza um compromisso duradouro com a cooperação, a equidade e a preparação frente às futuras emergências sanitárias.

Mas ainda existem dificuldades não transpostas e sobre as quais caberia uma análise mais aprofundada a nível mundial: trata-se da atual crise climática e os conflitos geopolíticos, fatores que têm um impacto profundo na produção e distribuição de insumos essenciais para a saúde, como os insumos farmacêuticos ativos (IFAs), reagentes e outros componentes críticos. O aumento das incertezas climáticas, como eventos climáticos extremos (secas, inundações, furacões) e a escassez de recursos naturais, como matérias-primas essenciais para a produção de substâncias químicas, criam um ambiente de produção cada vez mais volátil e imprevisível. Essas questões ambientais não afetam apenas a capacidade de produção, mas também a logística envolvida na distribuição desses materiais, uma vez que eventos climáticos podem interromper cadeias de suprimento globais de forma significativa.

Além disso, os bloqueios geopolíticos e os conflitos internacionais têm gerado tensões no comércio global, impactando diretamente a capacidade dos países de acessar recursos vitais para a saúde pública. A falta de acesso a insumos fundamentais, combinada com um aumento nos preços de matérias-primas devido à escassez de oferta ou dificuldades no transporte internacional, pode agravar ainda mais os desafios na produção de medicamentos e outros produtos essenciais durante uma crise sanitária. A guerra, as sanções econômicas e as restrições comerciais impõem obstáculos significativos, especialmente para países mais vulneráveis ou que dependem de fornecedores externos.

A interdependência global exige que os países e setores-chave, como o da química fina, desenvolvam protocolos conjuntos que garantam a segurança e a continuidade das cadeias de suprimento, mesmo diante de crises externas.

Além disso, a crise climática impõe a necessidade urgente de repensar as práticas de produção e distribuição no setor de química fina, promovendo soluções mais sustentáveis e resilientes. A adoção de tecnologias inovadoras, como processos de produção mais eficientes e o uso de fontes alternativas de matérias-primas, pode ajudar a reduzir a dependência de recursos naturais escassos e melhorar a capacidade de adaptação do setor a condições climáticas adversas. Essa transição também deve ser acompanhada de um fortalecimento das políticas de resiliência e de preparação para emergências globais, que integrem questões ambientais e geopolíticas como parte central da estratégia de resposta a pandemias.

Portanto, os desafios impostos pela crise climática e pelos conflitos geopolíticos não podem ser subestimados, pois impactam diretamente a capacidade do setor de química fina de responder de forma eficaz a emergências sanitárias.

A governança global no combate a pandemias exige não apenas um compromisso internacional, mas uma colaboração mais profunda, integrada e organizada entre diversos setores e países. A química fina tem um papel central e insubstituível nesse processo e seu envolvimento em estratégias globais de preparação e resposta é fundamental para garantir que as cadeias de fornecimento de recursos vitais não sejam interrompidas, mesmo em tempos de crise.

Iniciativas multilaterais, como o Global Health Cluster (GHC), coordenado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), representam um marco importante na construção de um sistema de resposta global mais ágil e eficaz e caberia um olhar mais abrangente, principalmente no que tange os desafios impostos pela crise climática e conflitos geopolíticos, situações que não podem ser subestimados, pois impactam diretamente a capacidade do setor de química fina de responder de forma eficaz a emergências sanitárias.

Em suma, a governança global no combate a pandemias não é um objetivo a ser alcançado de forma isolada. Ela exige um esforço conjunto, em que a cooperação internacional, a preparação contínua e a integração de setores-chave, como o da química fina, sejam vistas como peças essenciais de um sistema de saúde global mais forte, mais justo e mais capaz de proteger a saúde da população mundial. Reconhecer a química fina como pilar estratégico dessa nova arquitetura é um passo crucial para transformar lições de uma tragédia em alicerces de uma resiliência duradoura. ■

AUTORES



Divulgação

Andrey Vilas Boas de Freitas é Presidente Executivo da Associação Brasileira da Indústria da Química Fina (Abifina)



Divulgação

Marina Moreira, Especialista em Assuntos Regulatórios.